

Questões biopolíticas nos processos de criação transmidiáticos

Lucia Leão

Resumo: Uma série de questões biopolíticas circunda os processos de criação contemporâneos. O presente artigo busca iluminar percursos investigativos referentes à linha de pesquisa “Processos de Criação nas Diferentes Mídias”, ao propor aproximações com conceitos como poder, biopoder e biopolítica. Pensar essa abordagem de pesquisa implica operar conceitos, métodos e táticas de conexão entre teoria e prática. Optamos por considerar os processos de produção em interfaces e meios variados (internet, espaços públicos, instalações, vídeo etc.) que interagem na constituição de narrativas que, devido a sua natureza de convergência, podem ser situadas naquilo que Jenkins (2008) denominou transmidiáticas. Nossa discussão se inicia em uma revisão sobre biopolítica. Nesse cenário, contrapontos com questões como biopoder, controle, vida e resistência podem desvelar a potência instauradora que permeia os processos criativos. Os estudos de biopolítica partem do conceito proposto por Foucault e avançam nos desdobramentos desenvolvidos por Hardt e Negri, Agamben, Lazzarato e a leitura ensaística de Pelbart. Em seguida serão apresentadas obras que tratam dessas questões. Os estudos de caso serão abordados com uma visão processual, em rede e em constante transformação (Salles, 2006).

Palavras-chave: comunicação; signo e significação nas mídias digitais; processos de criação nas mídias; biopoder; biopolítica

Abstract: *Biopolitical issues in transmedia creation processes* – A series of biopolitical issues surrounds contemporary creative processes. This article seeks to shed light on investigative paths related to the line of research “Creative processes in different media” through approximations with concepts such as power, biopower and biopolitics. This research approach involves concepts, methods and tactics of connection between theory and practice. We have chosen to consider the processes of production in various media and interfaces (Internet, public spaces, installations, video etc.) that interact in the creation of narratives, which, due to their

convergence, can be situated in what Jenkins calls transmedia (2008). Our discussion starts from a review of biopolitics. In this scenario, contrasts with issues such as biopower, control, life, and resistance can reveal the instaurational power that permeates the creative processes. The studies are based on the concept of biopolitics proposed by Foucault and on the further developments by Hardt, Negri, Agamben, Lazzarato and Pelbart. Next, we present works that address these issues. The case studies will be discussed from a processual standpoint, networked and constantly changing, as presented by Salles (2006).

Keywords: communication; signs and meaning in digital media; creative processes in *media*; bio-power; biopolitics

L'effectuation des mondes et des subjectivités qui y sont incluses, la création et l'actualisation du sensible (désirs, croyances, intelligences) précèdent la production économique. La guerre qui se joue à niveau planétaire est une guerre "esthétique" à plusieurs titres. (LAZZARATO, 2004)¹

Introdução às pesquisas em processos de criação

Nos estudos do campo da comunicação, em especial aqueles desenvolvidos segundo diretrizes da linha de pesquisa "Processos de Criação nas Diferentes Mídias", as relações entre poder, controle, resistência, criação e recepção são temas que inspiram diversos trabalhos. A princípio, a pluralidade de vertentes e de encaminhamentos epistemológicos revela não apenas a riqueza do campo de investigação mas, principalmente, as dificuldades e controvérsias inerentes a esse tipo de pesquisa.

Como articular questões referentes à teoria e à prática de modo a propor um pensamento conjuntivo? Quais são as características das pesquisas de natureza teórico-prática? Quais são os fatores que determinam a erupção de processos criativos? Quais são as forças motrizes da criação? Como os processos criativos ocorrem e como podem ser estudados?

Embora a visão que aponta um abismo entre pensamento crítico e processo poético prevaleça em vários discursos, propomos uma abordagem que articule esses domínios. Esta abordagem nasceu de uma junção entre necessidade prática (como discutir e pensar os processos criativos, tanto em discursos a alunos de cursos de design e comunicação em multimeios, como na elaboração de textos reflexivos sobre diferentes tipos de poética) e convicção intelectual. Afinal, vários dos autores presentes em minhas redes reflexivas e experimentações práticas – como Marcel Duchamp, Joseph Beuys, Lygia Clark –, são nomes que nos deixaram um legado de dupla natureza, composto não só por obras que nos enriqueceram no âmbito da estética mas também nos ofertaram documentos que revelam

¹ "A implementação dos mundos e das subjetividades incluídas, a criação e atualização do sensível (desejos, crenças, intelectos) precedem a produção econômica. A guerra que se joga a nível planetário é uma guerra 'estética' em vários aspectos" (LAZZARATO, 2004).

seus processos de transformação cognitiva e suas reflexões críticas. Esses documentos são fontes inspiradoras para esse tipo de trajetória de pesquisa conjuntiva e apontam para uma abordagem construtora de pontes. Conforme afirma Agamben (2007, p. 13), toda poesia produz conhecimento e todo pensar filosófico aspira pelo júbilo poético.

Para a presente discussão, optamos por considerar os processos de produção em interfaces e meios variados (internet, espaços públicos, instalações, vídeo etc.) que interagem na constituição de narrativas que, devido a sua natureza de convergência, podem ser situadas naquilo que Jenkins (2008) denominou transmidiáticas. Os estudos de caso que apresentaremos no decorrer deste artigo foram realizados segundo uma visão processual, em rede e em constante transformação, como apresenta Salles (2006).

Poder, biopoder e biopolítica pelas bordas

Os estudos de biopolítica partem do conceito proposto por Foucault e avançam nos desdobramentos desenvolvidos por Hardt e Negri, Agamben e Lazzarato. Mas antes de entrarmos na reflexão a respeito das questões da biopolítica propriamente dita é necessário que façamos um breve preâmbulo para delinear a visão de poder de Foucault. Em “As estratégias ou o não estratificado: o pensamento do lado de fora (poder)”, revisão realizada por Deleuze (1988, p. 78) a respeito das teses de Foucault sobre o poder, temos que: “o poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder”. Essa análise também está presente na introdução do livro *Microfísica do poder*, escrita por Roberto Machado (1981, p. XII):

[...] não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social, e como tal, constituída historicamente.

A ênfase no caráter relacional do poder fica ainda mais explícita ao se considerar que:

Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. (MACHADO, 1981, p. XVI)

Para discorrer sobre o poder, Deleuze (1988, p. 79) concebe uma lista de variáveis que exprimem uma relação de forças e que constituem ações sobre ações. Na lista temos: incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar... Mais adiante, Deleuze sintetiza as três rubricas: 1) à medida que pode ativar, incitar, suscitar, produzir, o poder

não é essencialmente repressivo; 2) o poder é exercido antes de se possuir; 3) o poder perpassa tanto os dominados como os dominantes.

Em “O nascimento da medicina social”, escrito originalmente em 1974, Foucault (1981, p. 80-85) afirma que o controle da sociedade sobre os indivíduos começa com o corpo. Nesse sentido, o capitalismo socializou o corpo como força de produção e trabalho. Para desenvolver este raciocínio, Foucault reconstituiu três etapas na formação da medicina social. Ao falar da primeira, a medicina de Estado, Foucault discorre sobre práticas de policiamento médico surgidas na Alemanha do começo do século XVIII, que se estenderam até o começo do século XIX. Nessa proposta, estavam presentes, entre outros: 1) sistemas de observação de morbidade; 2) normalização da prática médica, através de programas de ensino, e controle do Estado na expedição de certificados e diplomas; 3) organização de um sistema administrativo de controle da atividade médica; 4) nomeação através de órgãos do governo de funcionários com autoridade e poder para exercício das práticas.

A reconstituição da segunda etapa, denominada por Foucault (1981, p. 85-93) medicina urbana, traz um relato do caso da França no fim do século XVIII. O sistema de saúde se apoiou no fenômeno da urbanização crescente no país e na necessidade de unificação do poder da cidade como unidade autônoma.

Por último, Foucault (1981, p. 93-98) introduz o conceito de medicina dos pobres, e apresenta o exemplo inglês do século XIX. Nesse exemplo são características preponderantes as relações entre cuidados médicos e autoridade, além da implantação de sistemas sociais de saúde pautados por: 1) controle de vacinação; 2) controle de epidemias; 3) localização de lugares insalubres. Com esta explanação, Foucault (1981, p. 80) afirma a realidade biopolítica do corpo.

Ao apontar essas fases de afirmação da realidade biopolítica do corpo, Foucault (1981, p. 97) traz o exemplo das peregrinações a terras sagradas – neste caso, Lourdes, na França –, como imagem de resistência “difusa à medicalização autoritária dos corpos e doenças”.

O pensamento de Foucault em relação à questão da biopolítica adquire outra amplitude em suas reflexões futuras. Em “Direito de morte e poder sobre a vida”, ensaio contido no volume I de *História da sexualidade: a vontade de saber*, de 1976, Foucault (2009, p. 145) situa a biopolítica no contexto de algo maior, o biopoder. Segundo ele, o biopoder foi um elemento indispensável ao “desenvolvimento do capitalismo que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento de fenômenos de população aos processos econômicos” (FOUCAULT, 2009, p. 153). Para falar sobre o biopoder, Foucault retoma a questão do poder soberano. No entanto, é importante frisar, embora o biopoder suceda historicamente o soberano, em vários momentos esses dois poderes se sobrepõem.

Observam-se distintas relações com a vida e a morte em cada um desses sistemas. No poder soberano, vida e morte não são fenômenos naturais, exteriores aos fenômenos

políticos. Ao contrário, vida e morte se vinculam ao poder do soberano, situação que se configura durante os séculos XVII e XVIII. Nesse regime de poder temos estratégias e mecanismos de subtração, retirada, extorsão. Ou seja, o soberano tem direito a riquezas, trabalho, serviços, bens, produtos, pois é seu direito se apropriar da vida e dos corpos. Em outras palavras, o poder soberano é um poder restritivo e, em suma, a questão se situa no “faz morrer e deixa viver”.

No biopoder, a equação se inverte e temos o “faz viver e deixa morrer”. Aqui a ênfase é a valorização da vida, e o poder se destina a produzir forças, fazê-las crescer e ordená-las. O objetivo último do biopoder é gerir a vida. Quando, em busca dessa meta, o biopoder exige a morte, é sempre em defesa da vida que se encarrega de administrar. Ou seja, esses movimentos se encadeiam com base em uma lógica de sobrevivência da população e da espécie.

O “fazer viver” se processa por meio de dois pontos ou estratégias: a disciplina e a biopolítica. As estratégias disciplinares, já presentes no poder soberano, ensejam o adiestramento e a docilização do corpo. Essa perspectiva propõe uma visão de corpo como corpo-máquina e esta abordagem encontra nas escolas, hospitais, quartéis e fábricas os mecanismos que atuam nesse processo de docilização e disciplinarização do corpo.

Na biopolítica, a questão crucial se situa no corpo-espécie e na denominada “gestão da vida”. É importante destacar que a gestão da vida não incide mais sobre os indivíduos, isoladamente (como no poder soberano), mas sim sobre a população como espécie. Com essa perspectiva, o biopoder instaura a ideia de corpo como suporte de processos biológicos como proliferação, longevidade etc. (PELBART, 2003, p. 57).

Pesquisas recentes retomam a ideia de biopolítica e ampliam ainda mais seus limites. Amparado na existência de dois termos gregos para designar vida, Giorgio Agamben (2002) propõe uma distinção entre vida em seu sentido meramente biológico, comum a todos os seres vivos (*zoé*), e vida no sentido de uma existência dotada de sentido e singularidade (*bios*). Para Agamben (2002 e 2004), a redução das formas de vida à ideia de vida enquanto fato acarreta consequências consideráveis. Para desenvolver suas ideias, Agamben parte de uma figura da antiguidade romana, o *homo sacer*. Dotada de várias ambiguidades, a imagem nos fala de um ser sagrado, que pode ser morto sem que isso signifique um assassinato, mas que ao mesmo tempo não pode receber uma morte com características sacrificiais, isto é, em conexão com dimensões divinas ou rituais. Agamben estabelece uma correlação entre essa figura e o ocorrido nos campos de concentração nazistas, onde judeus eram desprovidos de suas nacionalidades e mortos sem qualquer consideração a aspectos ritualísticos.

Nesse processo, a reflexão sobre o “poder de afetar e ser afetado” acompanha o percurso de ampliação conceitual da biopolítica, na qual o conceito de “vida” extrapola o meramente biológico, caminho que acaba por gerar uma inversão do sentido originalmente postulado

pelas afirmações de Foucault. Temos então “[...] biopolítica não mais como poder *sobre* a vida, mas como a potência *da* vida” (PELBART, 2003, p. 25), redefinição que pode ser observada em projetos criativos contemporâneos, sobre os quais falaremos a seguir.

Finalmente, gostaríamos de fechar este tópico abordando a revisão proposta por Negri (2003, p. 106), em que o autor define biopoder como o conjunto de mecanismos e tecnologias de controle e modulação sobre as redes. Sua meta é gestão, neutralização e absorção das produções. Biopolítica, por sua vez, é o terreno das lutas, das resistências produtivas, das relações e produções de poder.

Táticas de resistência aos sistemas de controle do corpo: De Geuzen

Conforme discutimos anteriormente, Foucault afirma que o controle da sociedade sobre os indivíduos começa com o corpo. Veremos agora propostas que problematizam justamente essa dimensão e que instauram espaços de expressividade para corpos enquanto singularidades. Coletivo atuante desde 1996, De Geuzen² se autodefine como uma fundação de pesquisas multivisuais, e suas investigações se situam na interface “art, social theory and craftiness”. Muitas de suas pesquisas têm por objetivo problematizar aspectos de controle e manipulação do corpo. Alguns de seus projetos estão presentes há bastante tempo na rede mundial de computadores com interface gráfica, e são exemplos clássicos do discurso de resistência contra a preponderância de determinadas formas corporais, como *De Geuzen Paper Dolls*. Nesta obra, o coletivo faz referência à tradicional brincadeira com bonecas de papel, mas, diferentemente do que se costuma encontrar, o De Geuzen criou bonecas com corpos que estão fora dos padrões de beleza e saúde dos discursos de regulação da vida.

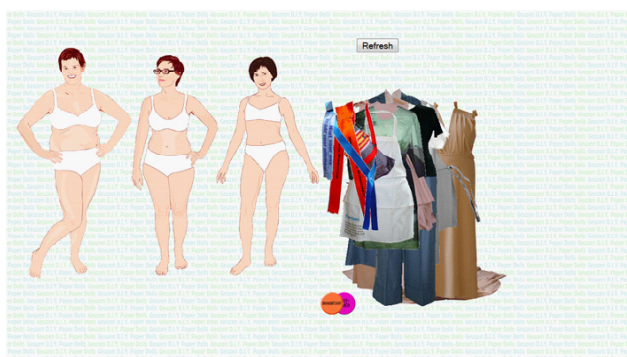


Figura 1 – Página inicial do projeto *De Geuzen Paper Dolls*, onde é possível observar os diferentes biótipos das bonecas.

² Mais informações em: <http://www.geuzen.org/faq/#Q:_What_does_.27De_Geuzen.27_mean.3F>.



Figura 2 – Tela do projeto *De Geuzen Paper Dolls* com as bonecas de papel vestidas com algumas das indumentárias disponíveis.

Segundo as notas explicativas do site do coletivo, o nome “De Geuzen” – que significa “mendigos, desonestos” e também nomeia a rua em Amsterdã onde se localiza o estúdio – tem raízes na cultura holandesa e se refere a um grupo de resistência à ocupação espanhola na Holanda durante o século XVI. O nome do coletivo também se associa a práticas relacionadas a outra palavra em holandês: *Geuzennaam*, artifício linguístico de transformar um termo pejorativo em um termo de orgulho. Essa ideia está presente em alguns dos projetos do coletivo, como *Wear it with pride*, composto por três propostas: 1) visitar uma galeria de imagens de pessoas vestindo camisetas com termos dessa natureza; 2) encomendar uma camiseta com um termo *Geuzennaam*; 3) acessar uma página com instruções para fazer sua própria camiseta.

A prática do *Geuzennaam* ressurge em *The Uniform Series*, uma série de projetos que trazem a questão da indumentária feminina para a arena das discussões sobre política do corpo. O grupo afirma que escolheu trabalhar com o conceito de uniforme em referência não só aos uniformes militares mas também como uma aproximação aos uniformes utilizados por profissionais de limpeza, estudantes etc. Por trás da ideia de uniforme se descortina um amplo leque de processos de controle e manutenção de identidade e práticas cotidianas. Mais uma questão biopolítica que se aloja nos processos de uniformização de corpos.

No projeto *Frivility and Folly*, obra exposta em um convento carmelita e participante da Bienal de Valencia de 2001, a prática do *Geuzennaam* aparece ao lado da realização artesanal de indumentárias sob medida, vestidas por três mulheres com diferentes biótipos. O projeto mostra roupas extravagantes e luxuosas que remetem ao universo da alta-costura. Realizados em colaboração com a designer de moda Margreeth Olsthoorn e costurados à mão por Sandra van Venrooij, os vestidos trazem detalhes em vinil, com dizeres recolhidos de um banco de dados de *geuzennamen* como: “menstrual”, “bitch in heat”, “promiscuous”, “fat” etc. Segundo o coletivo, a ideia de ostentar difamações tem um caráter libertário, à medida que subverte rótulos e afirma uma postura de resistência aos

mecanismos regulatórios. Em um dos vestidos, as palavras pejorativas aparecem em dobras de uma longa cauda localizada na parte posterior do corpo. As palavras vislumbradas no plissado, ao mesmo tempo em que se camuflam em estampa, também conduzem o olhar para a exploração de um corpo vestido. Nesse sentido, é interessante observar que a obra carrega um caráter sedutor e, nessa armadilha voyeurística, se apropria de elementos corriqueiros (o ato de se vestir) para propor sua postura táctica e criativa.

Outra questão de caráter biopolítico é evocada nos projetos do coletivo. À medida que os processos criativos do grupo buscam dar espaço para a constituição de formas desviantes de expressão, suas propostas fazem eco com aquilo que Deleuze (1992, p. 217) denominou processos de subjetivação:

Pode-se com efeito falar de processos de subjetivação quando se considera as diversas maneiras pelas quais os indivíduos ou as coletividades se constituem como sujeitos: tais processos só valem na medida em que, quando acontecem, escapam tanto aos saberes constituídos como aos poderes dominantes.



Figura 3 – Um dos vestidos do projeto *Frivolity and Folly*. É possível observar na cauda da peça algumas palavras de natureza *Geuzennaam*.



Figura 4 – Uma das integrantes do coletivo trajando uniforme da série *Frivolity and Folly*.

Táticas de resistência aos sistemas de controle econômico: Superflex

O projeto *Guaraná Power*, do coletivo dinamarquês Superflex,³ insere fissuras na situação monolítica em que poucas empresas detêm o controle da maior parcela do mercado. O projeto envolveu uma viagem à região da Amazônia onde os frutos do guaraná são cultivados. Na cidade de Maués, o Superflex entrou em contato com agricultores e constatou uma série de dificuldades financeiras na comunidade. Como o sistema de produção, distribuição e comercialização do guaraná é dominado por grandes corporações, o preço pago aos trabalhadores pela produção é muito baixo. Para romper com essa situação de oligopólio, o Superflex, em um processo dialógico com a comunidade, ajudou a desenvolver um sistema logístico composto por industrialização, distribuição e comercialização de um novo produto: o *Guaraná Power*. Nesse processo de criação, a comunidade desenvolveu até mesmo campanhas publicitárias que foram veiculadas através de táticas rizomáticas e mídias sociais na internet.⁴ Além disso, fizeram contato com distribuidores e comerciantes da Dinamarca, e o produto passou a ser exportado.⁵

³ É interessante observar que o projeto foi selecionado pela curadoria da 27ª Bienal de São Paulo, mas teve sua exibição vetada.

⁴ Alguns dos vídeos das campanhas publicitárias protagonizadas por moradores da região estão disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=KQ_w0x60WUI>.

⁵ Mais informações sobre o projeto em: <<http://thepowerfoundation.org/>>.



Figura 5 – Garrafas do produto Guarana Power.



Figura 6 – Campanha publicitária do Guarana Power.

Para discutirmos o projeto à luz das questões biopolíticas, escolhemos destacar três aspectos. O primeiro diz respeito ao modo de atuação do grupo Superflex na comunidade. É importante observar que o coletivo entrou em relação dialógica com a comunidade, e aqui nos referimos ao conceito de dialogia como foi proposto por Bakhtin. Em *As revoluções do capitalismo*, Lazzarato (2006, p. 195) retoma o conceito de Bakhtin e enfatiza a natureza política e ontológica das relações dialógicas:

[...] a relação dialógica não é uma relação linguística. Embora pressuponha uma língua, esta relação não existe dentro do sistema da língua. E por que podemos fazer tal

afirmação? Porque a emoção, o juízo de valor, a expressão são igualmente estranhos à palavra dentro da língua, e só nascem para favorecer o processo de sua utilização viva no enunciado concreto. [...] A maior parte dos comentadores de Bakhtin, [...] equivocam-se ao interpretar o dialogismo como um problema linguístico. Para Bakhtin, ao contrário, trata-se de um problema ontológico e político.

O segundo aspecto diz respeito às questões de poder que discutimos anteriormente neste artigo. Como vimos, para Foucault (1981, p. 146) “toda relação de forças é uma relação de poder”, o que pode ser observado no momento em que a comunidade se organizou em uma cooperativa e se tornou uma força produtiva independente dos sistemas majoritários. Continuando nossa análise, lembremos ainda que, para Foucault, o poder não é essencialmente repressivo; nesse caso específico, o projeto do Superflex exerceu o poder no sentido de incitar, ativar a dimensão empreendedora potencial que havia na comunidade de agricultores. À medida que esta começou a ter controle da produção em todos os seus pontos, podemos afirmar também que o poder foi exercido antes de ser, de fato, algo que a comunidade possuía. Ao instaurar uma ação de resistência às forças controladoras e monopolizantes, a obra desvela o quanto as relações de poder são móveis, mutantes e, portanto, perpassam tanto os dominados quanto os dominantes.

Finalmente, o terceiro aspecto que o projeto suscita de maneira bastante contundente diz respeito às reverberações do conceito de vida advindas de uma visão biopolítica expandida:

A própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população. Vida inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo. Como diz Lazzarato, a vida deixa de ser reduzida, assim, a sua definição biológica para tornar-se cada vez mais uma virtualidade molecular da multidão, energia a-orgânica, corpo-sem-órgãos. O bios é redefinido intensivamente, no interior de um caldo semiótico e maquínico, molecular e coletivo, afetivo e econômico. (PELBART, 2003, p. 25)

No projeto *Guaraná Power*, a vida, compreendida em todos esses elementos (sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral), é re-significada, processo que permite a colocação de muitas outras questões biopolíticas.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos desenvolver uma reflexão a respeito de aspectos biopolíticos em produções transmidiáticas. As obras escolhidas para análise têm em comum o fato de transitarem por diferentes mídias e se fundamentarem no questionamento de

formas de poder e controle. Seguindo as colocações de Foucault, vimos que poder é uma prática social, e se constitui historicamente. Ao adotar a leitura de Negri, passamos a compreender a biopolítica como forma de resistência às ações controladoras e modeladoras do biopoder.

Os processos criativos que trouxemos para o debate são processos que engendram rotas de fuga; itinerários que não se contentam com as formas expressivas dominantes e se desviam. Nesses movimentos de desvio o que se procura são as relações: novamente, relações com a vida, com a potência da vida. As estratégias dos projetos discutidos são variadas: bonecas de papel; vestidos manufaturados e camisetas; inserção de frases e termos com seus significados subvertidos; desenvolvimento de logística e campanhas publicitárias; construção de identidade de produto; aprendizado corporativo e formação de cooperativa; empreendedorismo e processos de produção, distribuição e comercialização; táticas de comunicação em rede etc. Como vimos, todos esses mecanismos foram articulados em nome de algo maior: o projeto em si e seus desdobramentos.

Pudemos constatar que o exame dos processos criativos transmidiáticos realizado por meio das lentes da reflexão biopolítica requer um olhar que evidencie as forças instauradoras da invenção, ao mesmo tempo em que é um método de análise dos poderes de “afetar e ser afetado”. Na busca por processos criativos que evoquem a capacidade de resistência e as dinâmicas da biopolítica, foram se desvelando táticas multidisciplinares e rizomáticas. E, se esses projetos escapam da noção de obra e até mesmo são excluídos dos circuitos culturais institucionalizados, podemos perceber aí um índice de poder. Deleuze (1992, p. 218), em uma entrevista a Negri, já havia afirmado que precisamos acreditar no mundo, e acreditar no mundo “[...] significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfícies ou volumes reduzidos.”

Os conceitos em diálogo com as obras analisadas nos convidam a um movimento, a um deslocamento e a uma não submissão às forças modeladoras do biopoder. E isso requer trabalho; o trabalho de criar espaços de resistência. Para finalizar e inspirar futuras reflexões vejamos a interessante colocação de Lazzarato (2004, p. 7) a respeito das relações entre trabalho, vida e criação:

[...] o trabalho escapa da redução a mecanismos sensores-motores, assim como a vida escapa de sua redução biológica. Trabalho e vida apenas tendem à reversibilidade, mas são qualificados pelo ‘virtual’ como abertura para a criação. (LAZZARATO, 2004, p. 7).

Em outras palavras, Lazzarato nos incita a pensar o potencial de criação que reside em cada um de nós, ou seja, a potência criadora do homem comum. E, inegavelmente, essas afirmações exigem que retomemos o conceito de virtual, ao mesmo tempo em que são portas que se abrem a futuras pesquisas.

Referências

- AGAMBEN, G. (2002). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG.
- _____. (2004). *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo.
- _____. (2007). *Estâncias*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG.
- DE GEUZEN. Site do coletivo. Disponível em: <www.geuzen.org>. Acesso em: 21 jul. 2010.
- DELEUZE, G. (1988). *Foucault*. Tradução de C. Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1992). *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- FOUCAULT, M. (1981). *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (2009). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- HARDT, M.; NEGRI, A. (2001). *Império*. Rio de Janeiro: Record.
- JENKINS, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- LAZZARATO, M. (2003). Para uma definição do conceito de "bio-política". Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/09/262958.shtml>>. Acesso em 1 ago. 2010.
- _____. (2004). Créer des mondes: capitalisme contemporain et guerres esthétiques. *Multitudes*, Paris, v. 15. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/article.php3?id_article=1285>. Acesso em: 8 jul. 2010.
- _____. (2006). *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MACHADO, R. (1981). Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- NEGRI, A. (2003). *Cinco lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A.
- PELBART, P. (2003). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.
- SALLES, C. A. (2006). *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte.
- SUPERFLEX. Site do coletivo. Disponível em: <<http://www.superflex.net/index.shtml>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

LUCIA LEÃO é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autora de vários livros, entre eles: *O labirinto da hipermídia* (Iluminuras, 1999) e *O chip e o caleidoscópio* (Senac, 2005).

lucleao@gmail.com

Artigo recebido em setembro de 2010
e aprovado em novembro de 2010.